



Comemorar, rememorar, esquecer*

Juan Eduardo Tesone**, Buenos Aires

O autor chama a atenção para um aspecto pouco sugerido na literatura psicanalítica, o da importância de que o sujeito se liberte de certa memória morta, o que permite que a memória se mantenha ativa e capaz de operar na resignificação après-coup, dando oportunidade ao passado para um porvir diferente do que a mera repetição. Uma coisa é a memória e outra coisa é rememorar. Uma coisa é o esquecimento e outra o esquecer. Não é apenas conveniente que o sujeito possa rememorar, mas também que possa dinamizar uma forma do esquecer, afastada da repressão, da clivagem ou da forclusão, entendendo por isso uma sugestiva alquimia entre a pulsão de morte, como indutora de desligamentos, e a pulsão de vida, geradora de novas ligações. Toda construção analítica implica uma desconstrução prévia, que requer a ativação da pulsão de morte, com a finalidade de poder gerar novas ligações psíquicas que se abram para uma nova trama simbólica reconstrutora.

Descritores: Rememorar. Esquecer. Construção. Pulsão de morte. Pulsão de vida. Après-coup.

* Versão modificada de um artigo publicado em espanhol na *Revista de Psicanálise* (editada pela Associação Psicanalítica Argentina), Tomo LIX, Nº 2 Abril-Junho de 2002.

** Membro Titular da Sociedade Psicanalítica de Paris e da Associação Psicanalítica Argentina, Docente do D.U.E.F.O. da Faculdade de Medicina de Pitié-Salpêtrière, Universidade de Paris VI, Prof. Titular da Faculdade de Psicologia da UCES (Universidade de Ciências Sociais e Empresariais de Buenos Aires).



“A memória é o porvir do passado”

Paul Valéry

“Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”

Heráclito

“Não nos banhamos duas vezes no mesmo lago”

Milosz

Comemorar

Para os gregos, comemorar era uma sutil alquimia entre o recordar e o esquecer. Faremos uma revisão sobre o tradicional valor do recordar na psicanálise, introduzindo algo talvez pouco retomado pela teoria, ou seja, a hipótese sobre o valor que adquire uma certa forma de esquecimento, não aquela a serviço da repressão ou clivagem, mas aquela necessária para fomentar a potência criativa da lembrança.

A importância que uma civilização consagra à memória mede-se pelo lugar que a mesma ocupa nas práticas da comemoração individual ou coletiva. A conservação do passado na Grécia foi feita através do uso de inscrições e arquivos. Mas, no início, os arquivos não eram escritos, eram confiados à memória oral da qual eram depositários certos magistrados ou funcionários chamados *mnemons*. A língua grega conta com vários termos para designar o monumento, o edifício da lembrança: *mnemata*, *mnemeia*, *mnemosuna*. Tais termos qualificam a lembrança sem ficarem limitados à materialidade do edifício. A lembrança materializa-se num objeto ou num fato: pedras tumulares, coroas da vitória, hinos, festas rituais. A originalidade da memória grega não é dada pelo caráter excepcional de seus monumentos, mas, pelo contrário, por ter desmaterializado o mesmo, destaca Michèlle Simondon (1984). O memorial não se identifica com o monumento e não se limita ao mesmo: é comum comparar a fragilidade do monumento com a eternidade do poema. A Grécia antiga celebra Mnemosina através de seus poetas (Hesíodo, Píndaro, Eurípides) e de suas obras de arte. Os gregos fizeram da memória uma obrigação, um dever, um valor moral. Mas além das funções de revelação e de imortalização, os gregos outorgaram outro poder a Mnemosina (deusa da memória), o de transformar a memória em poder de esquecimento. Naturalmente, não qualquer esquecimento. A forma de esquecimento preconizada por Mnemosina é benéfica e criadora, necessária para o funcionamento da memória. Como escreve D. Maronitis (citado por M. Simondon, 1984):



[...] aqui o esquecimento não é mais o inimigo da memória poética, mas de certa forma seu prólogo e seu epílogo. O funcionamento da memória poética começa quando o relator e os auditores esquecem seus tormentos atuais e pessoais e abrem seu espírito a um passado mais significativo e mais coletivo (p. 98).

Se o relato começa pelo esquecimento, seu encanto provoca, por sua vez, o esquecimento. O aspecto criador da memória, sua força de porvir, constitui o que há de mais constante e original na tradição grega. Mas, paradoxalmente, a memória, afirma M. Simondon, “para se manter ativa e vivaz, deve conter a menor carga possível de memória morta” (p.101). A comemoração não é a celebração do tempo imóvel das estátuas, é a celebração de um tempo em contínua ressignificação e movimento: destaca o passado, anuncia o devir.

Recordar, esquecer: trama metapsicológica

Em certo sentido, poderíamos dizer que a psicanálise nasceu abordando a memória e o esquecimento, ou, mais precisamente, a exigência que se impõe ao aparato psíquico de manter afastados da consciência pensamentos, imagens, sensações ou afetos vividos como intoleráveis pelo ego do sujeito, seja por serem excessivamente penosos, ou incompatíveis com o sistema de valores da pessoa. Freud, em sua passagem pela Salpêtrière, observa que, pela primeira vez na história da medicina, Charcot cria ou suprime sintomas corporais a través de um procedimento exclusivamente verbal, a hipnose, durante o qual surgiam as lembranças que se situavam contemporaneamente ao aparecimento do sintoma. Como sabemos, para incursionar no passado, a hipnose será abandonada rapidamente por Freud em benefício da chamada associação livre. Em *O mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (Breuer e Freud, 1893), que ele escreve anos mais tarde com Breuer, postularão a origem traumática dos mesmos. O traumatismo psíquico e, depois, sua lembrança, atuam como um corpo estranho que mantém ativo o sintoma. A terapia consistia em recordar a cena que motivara o desencadeamento do sintoma. O sintoma é um substituto que se produz para afastar da consciência aqueles desejos que estão em conflito com as crenças ou sistemas de valores da pessoa. Mas eles estão esquecidos somente na aparência. O sintoma é testemunha do conflito entre o desejo de esquecimento e o desejo de recordar. Freud e Breuer falaram inicialmente em “dupla consciência” (p. 37), para destacar a existência de outro lugar, de outra cena, diria Lacan mais tarde, onde estavam



situados aqueles fenômenos psíquicos que o sujeito desejava manter fora da consciência. Segundo Freud, o neurótico “sofre de reminiscências” (p. 33), ou melhor, de falta de reminiscências. Só será curado na medida em que conseguir recuperar a lembrança, liberada na atualização da relação transferencial, da carga afetiva concomitante. O mecanismo psíquico em jogo neste esforço para esquecer será a censura e o conteúdo do esquecido na aparência, o reprimido. O sujeito ficará cindido entre sua consciência e seu inconsciente, e a repressão, para Freud torna-se o “[...] pilar fundamental sobre o qual repousa todo o edifício da psicanálise” (1914a, p. 15). A vivência traumática, dirá mais tarde, redefinindo o que em 1897 chamou de “*minha neurótica*” (p.301), não requer necessariamente que o traumatismo tenha existido na realidade externa ao sujeito. Seus próprios desejos ou pensamentos podem ser traumáticos, ocupando sempre, ao longo de todo seu desenvolvimento teórico, a sexualidade, um dos pólos de todo conflito. Nesse sentido podemos dizer que a experiência psicanalítica agiria como uma experiência traumática que, na medida em que for vivida como suficientemente contida, oferecerá ao sujeito a possibilidade de passar de uma memória compulsiva para uma memória com capacidade representativa.

A repressão, a memória e o esquecimento constituem uma trama indissolúvelmente ligada às vicissitudes da organização simbólica do pensamento e da base sexual do mesmo. Dado que nossa organização libidinal condiciona o curso do nosso pensamento, poderíamos dizer que pensamos e eventualmente lembramos a partir de nossa própria pulsionalidade.

Em seu breve artigo *Sobre a fausse reconnaissance (déjà raconté) no decorrer do trabalho psicanalítico* (1914b), Freud, com a maestria que o caracteriza, adverte sobre a convicção de alguns pacientes de já terem contado um fato que é lembrado por ele. Estes fenômenos de paramnésia incluem o *déjà vu* (já visto), *déjà entendu* (já escutado), *déjà éprouvé* (já vivenciado), *déjà senti* (já sentido), *déjà raconté* (já contado). Todos podem ter em comum um propósito inconsciente não executado. Por exemplo, ter vivenciado desejos de morte em relação a alguém próximo, desejo que nunca teria se tornado consciente até o momento em que aparece um fato que o torna consciente e sobre o qual acreditava já ter falado anteriormente. Também pode operar como uma lembrança encobridora, lembrança encobridora que, ao ser relatada, funciona como se também houvesse sido relatada a segunda lembrança que, na realidade, está escondida por trás da primeira. Por exemplo, Freud (1914b) conta que um paciente (o homem dos lobos) refere, no decorrer de suas associações: “Quando com a idade de 5 anos brincava no jardim com uma faca e cortei o dedo mindinho – Oh! Só achei que tivesse – [...] Mas se eu já lhe contei isso” (p. 209). Quando Freud afirma que nunca lhe



havia contado nada parecido, o paciente se surpreende. Para evitar uma polêmica inútil, pede-lhe que, mesmo assim, repita a história:

Eu tinha 5 anos; estava brincando no jardim com minha babá e cortava com minha navalha a casca de uma daquelas nogueiras. [...] De repente notei com pavor indescritível que tinha cortado o dedo mindinho da mão, de tal forma que estava pendurado somente pela pele. Não senti dor, mas uma grande angústia. Não me atrevi a dizer nada à babá [...] desabei sobre o banco próximo e permaneci ali, sentado, incapaz de lançar outro olhar ao dedo. Finalmente, tranqüilizei-me, olhei o dedo e, então, vi que estava completamente intacto (p. 210).

O paciente aceitou finalmente que era muito difícil que tivesse contado essa lembrança sem que Freud lembrasse tamanha prova da angústia de castração na sua infância. Surgiu, então, a pergunta de por que tinha tanta certeza de já tê-la contado. E, então, vem à mente de ambos outra lembrança que havia sido contada várias vezes e com certa insistência em sessões prévias: “Certa vez meu tio, que ia viajar, perguntou a mim e a minha irmã o que gostaríamos que nos trouxesse. Minha irmã pediu-lhe um livro; eu, uma navalha” (p. 210) (a navalha que seu tio lhe trouxera era, segundo sua lembrança, a mesma que aparecia nos dois relatos). Este último relato funcionara, então, como uma lembrança encobridora da lembrança reprimida, como um sucedâneo do relato sobre a suposta perda do dedo mindinho (equivalente simbólico do pênis), relato interceptado pela resistência.

Ou seja, o recordar não é uma atividade simples, mas complexa. As lembranças podem não apenas ser mais ou menos precisas, mas, inclusive, as mais precisas e intensas podem estar ao serviço da resistência sob a forma de lembranças encobridoras. Essa é a diferença entre a memória das fotografias ou dos computadores, essas máquinas fantásticas capazes de memórias somente reprodutivas, e as lembranças humanas, cuja memória é sempre representativa, criativa, e eminentemente subjetiva, já que inclui a lógica do fantasma. Apesar de que, no caso particular da fotografia, no que se refere à reprodução do real e concordando com Barthes (1980), teríamos que incluir o olhar do fotógrafo que faz um recorte singular da realidade (p. 148).

Tradicionalmente tem havido indagações sobre a oposição entre a percepção e a memória: aquilo que percebemos é cópia fiel da coisa, do objeto que existe no mundo? Aquilo que recordamos é cópia fiel daquilo que percebemos?

Assim como, para Magritte, a imagem de um cachimbo não é um cachimbo,



idéia que imortalizou na sua famosa pintura de um cachimbo com a inscrição abaixo da mesma dizendo “isto não é um cachimbo”, afirmação que causou perplexidade em mais de uma pessoa, para a psicanálise a memória não é cópia fiel daquilo que percebemos. A memória da coisa não é a coisa. No momento em que percebemos um objeto, uma situação, uma pessoa, a sua percepção se relaciona com inúmeras percepções e lembranças afetivamente associadas que farão dessa percepção uma percepção válida somente para essa pessoa. Percebemos e recordamos a partir de uma complexa rede de percepções e de lembranças das mesmas, matizadas pelo afeto, pela história, pelo idioma, pelo desejo e pela organização libidinal de cada um.

Na carta 52 a Fliess, Freud (1896) sustenta: “[...] nosso mecanismo psíquico foi gerado por estratificação sucessiva, pois de tempos em tempos o material pré-existente de traços mnêmicos passa por um *reordenamento* de acordo com novos nexos, uma *retranscrição*” (p. 274).

E mais adiante, acrescenta: “Cada re-escritura posterior inibe a anterior e desvia dela o processo excitatório” (p. 276).

Ou seja, a memória não é estática e imutável. É dinâmica e sujeita a reinterpretções sucessivas. O passado, do ponto de vista psicanalítico, não é imutável, tem um porvir. Repito a frase de Valéry (1973, p. 1256): “a memória é o porvir do passado”. A memória do mesmo adquire diferentes relevos e sentidos com as sucessivas significações feitas a posteriori. *O que caracteriza o psiquismo humano, para a psicanálise, é a primazia do après-coup, ou seja, da ressignificação que cada cena adquire com posterioridade*, à medida que a lembrança vai se alinhando com um complexo sistema de significações e metáforas que podem mudar, por exemplo, no decorrer de um processo analítico. O pensamento, diz Claude Rolland (2006),

[...] aparece menos como uma produção psíquica, definida por um conteúdo positivo, do que como um movimento do aparato da alma: como um sismo, decompõe certa organização das representações para recompô-las de outra maneira ou em outro nível, atribuindo-lhe uma forma que não se reduz a um continente, mas que ajuda na ‘transubstanciação’ de seu conteúdo. (p. 123)¹

Para a psicanálise, a memória não é uma enteléquia. Para o psiquismo humano, falamos em rememorar e não em memória, já que o rememorar não

¹ Tradução do autor.



consiste num mero trazer para uma época presente um fato do passado, como quando acessamos a memória do computador. *No ato de lembrar estamos recriando continuamente o fato lembrado, numa recriação que irá se modificando com a rede simbólica que o sujeito irá tecendo.*

Esta concepção afasta-se da neurologia clássica que considerava a memória como essencialmente reconstrutiva. Mas não da neurobiologia contemporânea. Damásio (1994), em seu livro *O erro de Descartes*, afirma:

As imagens não são armazenadas como fac-símiles de coisas, acontecimentos, palavras ou frases. O cérebro não arquiva fotografias Polaroid. Temos evidência direta de que, quando recordamos um objeto determinado, um rosto, uma cena, não conseguimos uma reprodução exata do original, mas uma interpretação, uma versão nova, reconstruída. Também, à medida que avançamos em anos e nossa experiência muda, as versões evoluem (p. 154).

Esta visão moderna da neurociência não se afasta em nada da concepção psicanalítica. Nesse sentido podemos dizer que Freud precedeu muitas das descobertas da neurociência contemporânea e foi pioneiro nesse campo.

Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914c), Freud resume o que propõe como a essência da técnica psicanalítica. Nesse trabalho, modifica, em parte, a maneira simples do lembrar que descrevera no início da psicanálise, mas mantendo como base do tratamento psicanalítico a necessidade de recordar. Neste artigo descreve uma outra maneira do recordar, que é a repetição. Afirma que o analisante “[...] não lembra, em geral nada do esquecido e reprimido, ele o ativa. Não o reproduz como lembrança, mas como ação; repete, logicamente, sem saber que o faz” (p. 152). É a atualização na transferência que permite revelar o mecanismo psíquico. Esta repetição na transferência tem a vantagem, na melhor das hipóteses, de poder ser retomada no âmbito da sessão, levando a pessoa a caminho das lembranças, facilitando-lhe a via de vencer as resistências mediando uma reelaboração das mesmas. Ou seja, a repetição de certas escolhas que se resumem a atos é outra maneira encontrada pelo psiquismo para recordar. E, desse ponto de vista, podemos dizer que o vínculo transferencial permite uma re-atualização das vivências afetivas primárias e, portanto, também é uma maneira de recordar. Mais problemática é a repetição fora do contexto psicanalítico. A partir da década de 20, com a introdução da pulsão de morte, Freud retoma a idéia da repetição e com a denominação de compulsão à repetição, desta feita sob o domínio da pulsão de morte. A memória que se expressa através da compulsão a repetir não é uma memória ligada à



representação simbólica. Poderíamos dizer que é uma memória de qualidade inferior, já que mantém a cegueira do sujeito.

Em um de seus últimos trabalhos, *Construções na análise* (1937), Freud lembra-nos que o trabalho analítico consiste em

[...] tornar a recordar certas vivências, assim como as emoções de afeto por elas provocadas que estão, de momento, esquecidas nele. Sabemos que seus sintomas e inibições presentes são as conseqüências dessas repressões, ou seja, a substituição daquilo esquecido (p. 260).

Embora seja claro que o trabalho do analisando consiste em recordar “[...] algo vivenciado e reprimido por ele [...]” (p. 260), Freud pergunta-se em que consiste, então, o trabalho do analista, na medida em que, desde o seu lugar, não pode recordar algo que concerne ao mundo interior do analisando. Sua tarefa, segundo Freud, consiste em “[...] deduzir o esquecido a partir dos indícios que deixou para trás; ou, em outras palavras: precisa *construí-lo*” (p. 260). Ou, se preferirmos, reconstruí-lo. Freud compara o trabalho do analista ao do arqueólogo. Pessoalmente diria que se assemelha também ao trabalho do arquiteto ou ao do pintor que restaura uma obra de arte. Procura dar à mesma seu esplendor inicial, o que não o impede de colocar pinceladas que lhe são próprias, respeitando o estilo original. É o contrário do que fizeram na Capela Sistina, o que em italiano é conhecido como *il braghettone*. Os afrescos pintados por Miguel Ângelo foram restaurados há pouco tempo. Uma das perguntas que surgiram foi se a obra deveria ser restaurada de acordo com o original ou se deveriam conservar-se os tapaxos que a censura da igreja acrescentou posteriormente à pintura original que deixava visível o sexo dos personagens. O Vaticano preferiu conservar os tapaxos. O trabalho do analista, pelo contrário, consiste em restaurar a obra inicial, sem o encobrimento da desmentida.

Mais adiante, no mesmo artigo, Freud acrescenta:

Com muita freqüência não conseguimos levar o paciente até a lembrança do reprimido. Em vez disso, se a análise foi executada de maneira correta, atinge-se uma convicção certa sobre a verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança recuperada (p. 267).

Cada construção é considerada uma hipótese, uma conjetura que espera ser examinada, confirmada, ou desconsiderada. Não trará, necessariamente, lembranças como uma rede que captura peixes, mas aportará uma força significativa



capaz de suprir as falhas mnêmicas. Ou seja, não se busca, necessariamente, uma construção que possua uma verdade histórica, mas que cumpra uma função na dinâmica do aparato psíquico. E Freud propõe, inclusive, que o termo reconstrução substitua o termo interpretação.

A maneira de recordar é diferente em função da estrutura psíquica do sujeito; não se recorda da mesma maneira a partir de uma histeria, de uma neurose obsessiva, de uma perversão fetichista, de uma melancolia ou de uma psicose delirante ou alucinatória. Ou seja, a cadeia significativa do sujeito determina sua modalidade de rememoração. O sujeito não tem uma história que um observador poderia desintrincar e descrever, ele é sua história, é o artesão da mesma devido a sua atividade de rememoração, onde o passado, o presente e o futuro são recriados como tempos em interação mútua.

Não existe a memória serena, ela está sempre submissa à pressão do *id* e à influência do *superego* que orienta em direção à aprovação ou à censura da lembrança. É conveniente passar pela dor exata de uma rememoração exata para beneficiar sua reconstrução criativa.

Por outro lado, como destaca J.-B. Pontalis na entrevista feita por Pierre Nora (1977):

[...] não há uma memória única, nem sequer para o indivíduo. Há uma memória narrativa, uma memória fantasmática, uma memória do corpo, uma memória daquilo que foi vivido intensamente demais para ser suficientemente elaborado e uma memória daquilo que não foi suficientemente vivido para se deixar esquecer (p.230).

Mas em todas elas, o mais importante é a ressignificação a posteriori, que se modifica constantemente a partir do presente, a colocação do passado em perspectiva. Micheline Enriquez (1987) diz que, em todo ser humano que aspire a pensar-se como indivíduo singular, existe uma insistência subjetiva que o empurra para a rememoração. A psicanálise é uma obra de palavras que têm uma eficácia simbólica através de um trabalho da memória sobre a memória. Mas é conveniente diferenciar o que Enriquez chama de memória imemorial e inesquecível da memória memorável e esquecível. A primeira é uma memória que não se situa no campo do memorável. Embora resista ao desgaste do tempo, é constituída por um conjunto variado de impressões extremamente precoces. Esta memória não é pensável em termos de passado. Embora pertença ao passado, permanece, em parte, totalmente incognoscível. Apenas alguns indícios nos permitem deduzir sua existência. Esta memória é de entrada inconsciente. Não seria reapropriável



na primeira pessoa, mas somente por intermédio do que Micheline Enriquez chama de o imaginário dedutivo da situação analítica que permite chegar a uma construção analítica graças à eficácia de seu potencial figurativo. A memória memorável e esquecível corresponde à amnésia que se produz como consequência de um conflito psíquico, secundária à repressão secundária. É, por definição, infiel, sempre em transformação, escreve-se e reescreve-se na temporalidade, às vezes filtrada pela recordação encobridora.

Penso que *toda construção analítica pressupõe uma desconstrução prévia*. Uma coisa é a memória e outra o recordar. Não é a memória imutável da hipercalculia da criança psicótica que tem uma eficácia simbólica. *Para recordar e ressignificar o passado é preciso estar disposto a esquecer e simultaneamente recordar, para poder desconstruir e reconstruir uma nova trama simbólica que permita desembaraçar o sintoma*. Os gregos costumavam opor a Mnemosina, deusa da memória, Letha, ou seja, a morte, que representava o esquecimento. Do ponto de vista psicanalítico, diria que uma não pode intervir sem a outra. Dito em outros termos, *a pulsão de vida precisa da pulsão de morte para induzir mudanças*. Para poder criar novas ligações psíquicas – o que caracteriza a pulsão de vida – o aparato psíquico precisa estar disposto a desligar – o que caracteriza a pulsão de morte – as ligações previamente estabelecidas e que eram responsáveis pelo estado patológico. Em sua *Nota sobre o Bloco Mágico* (1925), Freud compara o funcionamento do aparato psíquico com esse dispositivo que lhe permite responder à pergunta: como conciliar a imobilidade do traço e o esquecimento e a possibilidade de não saturação? O bloco não apenas oferece

[...] uma superfície receptiva sempre utilizável, mas também traços duradouros dos caracteres, como o papel comum; resolve o problema de reunir ambas as operações *distribuindo-as em dois componentes-sistemas – separados, que se vinculam entre si*. [...] é exatamente esse o modo como nosso aparato anímico tramita a função da percepção. O estrato receptor de estímulos – o sistema P-Cc – não forma traços duradouros; as bases da lembrança ocupam outros sistemas, contíguos (p. 246).

Mas a memória não é uma entidade independente da repressão. Como destaca Gantheret (1977), a memória, na obra de Freud, participa da própria operação da repressão. No caso hipotético de que isto pudesse não acontecer, temos *Funes o Memorioso*, famoso conto de Borges (1944).

A ficção de Borges consiste em imaginar que, após ter caído de um cavalo, Irineu Funes ficou paralítico e com uma hipermnésia. “Duas ou três vezes havia



reconstruído um dia inteiro; não havia duvidado nunca, mas cada reconstrução havia exigido um dia inteiro”. (p.488). Até o dia de seu acidente – diz Borges – havia sido o que são todos os humanos: “um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado” (p.488).

Conta Borges:

Locke, no século XVII, postulou (e reprovou) um idioma impossível no qual cada coisa individual, cada pedra, cada pássaro e cada galho tivessem nome próprio; Funes projetou em algum momento um idioma análogo, mas o descartou por achá-lo excessivamente geral, excessivamente ambíguo. De fato, Funes não somente lembrava cada folha de cada árvore de cada mata, mas cada uma das vezes que a havia percebido ou imaginado. Não apenas custava-lhe compreender que o símbolo genérico cachorro abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; incomodava-o o fato de que o cachorro das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome do cachorro das três e quinze (visto de frente). ‘Seu próprio rosto no espelho, suas próprias mãos, surpreendiam-no a cada vez’ (p. 489).

Todos sabemos que, para sermos capazes de termos consciência de nossa identidade, é preciso ter certo nível de memória. Na ausência da mesma, alguém poderia ir dormir chamando-se Pedro e acordar no dia seguinte acreditando ser Paulo. Mas o interessante do conto de Borges consiste em chamar nossa atenção para algo sobre o que, acredito, temos menos consciência e é que, para poder conservar o sentimento de identidade, é preciso, também, poder esquecer. Do contrário, aconteceria o que acontecia com Funes, que não apenas se surpreendia cada vez que se olhava no espelho, acreditando ser outro, mas tampouco era capaz de pensar.

O esquecimento construtivo – a diferença da denegação, a clivagem ou a forclusão – permite uma livre circulação da representação no interior do psiquismo. Seria uma forma de esquecimento no sentido grego do termo: liberar-se de uma memória morta, viscosa, imutável, que impede a criação de novos vínculos significativos.

A psicanálise é uma ferramenta de reapropriação de sua história pelo sujeito, graças à reatualização da mesma na transferência. Uma memória que foge à consciência, repousa sobre bases transgeracionais e nutre-se das gerações anteriores. Como diz Michel Neyraut (1997), a psicanálise serve-se da memória do passado para criar um porvir que não seja somente repetição.



Juan Eduardo Tesone

O aparato psíquico funciona como uma conflituosa alquimia de recordar e esquecer. Mas os dois elementos dessa alquimia são necessários para manter o sentimento de identidade e a capacidade de pensar. Perpétuo balanço entre a imaginação da memória e a capacidade criativa do esquecimento. Lembro e esqueço, construo-desconstruo-reconstruo, portanto sou. □

Abstract

Celebrating, remembering, forgetting

The author highlights an aspect rarely mentioned in psychoanalytic literature, which is the importance of the subject freeing him/herself from a determined dead memory, allowing memory to remain active and able to operate in après-coup resignification, giving the past an opportunity of a future different from mere repetition. Memory is different from recollecting. Forgetfulness is different from forgetting. The subject should not only recollect, but also be able to stimulate a way of forgetting not linked to repression, cleavage or foreclosure, understood as a suggestive alchemy between death drive, as inducer of detachments, and life instinct, as generator of new connections. Every analytic construction implies prior deconstruction, which requires the activation of the death drive, in order to be able to generate new psychic connections that will open up to a new reconstructive symbolic plot.

Keywords: Remembering. Forgetting. Constructing. Death drive. Life instinct. Après coup.

Resumen

Conmemorar, recordar, olvidar

El autor atrae la atención sobre un aspecto poco sugerido en la literatura psicoanalítica, como es la importancia que el sujeto se libere de una cierta memoria muerta, que permita que la memoria se mantenga activa y capaz de operar la resignificación après-coup brindando la oportunidad al pasado para que tenga un porvenir diferente que la mera repetición. Una cosa es la memoria y otra cosa es recordar. Una cosa es el olvido y otra el olvidar. El sujeto no solo conviene que pueda recordar, sino también que pueda dinamizar una forma del olvidar, alejada de la represión, del clivaje o de la forclusión, entendiéndolo por ello una sugestiva



alquimia entre la pulsión de muerte, como inductora de desligazones, y la pulsión de vida, generadora de nuevas ligazones. Toda construcción analítica supone una deconstrucción previa, que requiere del accionar de la pulsión de muerte, con el fin de poder generar nuevas ligazones psíquicas que abran a una nueva trama simbólica reconstructiva.

Palabras llave: Rememorar. Olvidar. Construcción. Pulsión de muerte. Pulsión de vida. Après-coup.

Résumé

Commemorer, remémorer, oublier

L'auteur attire l'attention sur un aspect peu évoqué dans la littérature psychanalytique, celui de l'importance pour le sujet de s'affranchir d'une certaine mémoire morte. La mémoire pourrait ainsi se maintenir active et opérable dans la ressignification après coup, ce qui permettrait au passé d'avoir un autre devenir que la seule répétition. La mémoire est une chose et remémorer est autre chose. L'oubli n'est pas la même chose que l'oublier. Il ne suffit pas au sujet de pouvoir remémorer, il faut qu'il puisse aussi rendre dynamique une certaine forme d'oublier, éloignée du refoulement, du clivage ou de la forclusion. On entend par là une alchimie suggestive entre la pulsion de mort, en tant qu'inductrice de déliaisons, et la pulsion de vie qui opère de nouvelles liaisons. Toute construction analytique implique une déconstruction préalable demandant la mise en oeuvre de la pulsion de mort afin de pouvoir opérer de nouvelles liaisons psychiques s'ouvrant à une nouvelle trame symbolique reconstructrice.

Mots-clés: Remémorer. Oublier. Construction. Pulsion de mort. Pulsion de vie. Après-coup.

Referências

- BARTHES, R. (1980). *La chambre Claire. Notes sur la photographie*. Paris: Ed. du Seuil.
- BORGES, J. L. (1944). Funes el Memorioso. Ficciones, In: *Obras Completas* (p1161). Buenos Aires: Emecé. 1974, p. 485-490.
- DAMASIO, A. (1994). *El error de Descartes, la razón de las emociones*. Santiago de Chile: Ed. Andrés Bello, 1996. 206p.



Juan Eduardo Tesone

- ENRIQUEZ, M. (1987). L'enveloppe de mémoire et ses trous. In: *Les enveloppes psychiques*. Paris: Dunod, 1987, p. 84-95.
- FREUD, S. (1893). El mecanismo psíquico de los fenómenos histéricos. In: *A.E.*, Vol 2, p. 27.
- _____. (1896). Carta N° 52 a Fliess de 6-12-1896, In: *A.E.*, Vol 1, p. 274.
- _____. (1897). *Carta N° 69 a Fliess de 21-09-1897*, In: *A.E.*, Vol 1, p. 301.
- _____. (1914a). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, In: *A.E.*, Vol 14, p. 7.
- _____. (1914b). Acerca del fausse reconnaissance (dejà raconté) en el curso del trabajo psicoanalítico, In: *A.E.*, Vol. 13, p. 203.
- _____. (1914c). Recordar, repetir, elaborar, In: *A.E.*, Vol. 12, p. 149.
- _____. (1925). Nota sobre la pizarra mágica, In: *A.E.*, Vol. 19, p. 243
- _____. (1937). Construcciones en el análisis, In: *A.E.*, Vol. 23, p. 257.
- GANTHERET, F.(1977). Trois mémoires. In: *NRP*. Paris, vol 15, p. 81-92.
- NEYRAU, M. (1997). La mémoire inconsciente comme limite épistémologique. In: *Revue Française de Psychanalyse*. Paris : PUF, p. 125-136.
- NORA, P. (1977). Mémoires de l'historien, mémoire de l'histoire. In: *NRP*. Paris, vol. 15, p. 221-234.
- ROLLAND, J-C. (2006). *Avant d'être celui qui parle*. Paris: Gallimard.
- SIMONDON, M. (1984). La mémoire chez les anciens grecs. In: *Corps Écri*. Paris: PUF, 1984, p. 93-101.
- VALÉRY, P. (1973). "Mémoire". In: *Cahiers, Pléiade*, Gallimard, Paris.

Recebido em 25/06/2009

Aceito em 01/07/2009

Tradução de **Beatriz Neves**
Revisão técnica de **Regina Sordi**

Juan Eduardo Tesone
Teodoro García 2475 – 3° "B"
1426 Ciudad de Buenos Aires – Argentina
(54) 11-47802781
Celular: (54) 92235204754
e-mail: jetesone@hotmail.com

© Asociación Psicoanalítica Argentina
© Juan Eduardo Tesone
Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA